



O Jornalista como divulgador das informações científicas: o caso do Programa Vida & Saúde

Priscila Mathias Rosa ¹

Paula Regina Puhl²

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

Resumo

O artigo trata de que forma a divulgação da ciência pode se tornar uma pauta jornalística. Hoje através da televisão e de programas que destinam espaço para os assuntos científicos, as informações chegam de forma mais direta ao telespectador. Nesse processo de transmissão e recepção da notícia, o jornalista desempenha um papel importante como “tradutor” e “simplificador” dessa informação. Para exemplificar de que forma é possível levar até os telespectadores informações científicas, foi utilizado o programa Vida & Saúde, exibido na RBSTV. Na atração o apresentador exerce o papel de tradutor entre o cientista e o telespectador.

Palavras-chave

Ciência- Jornalismo- Televisão

A divulgação das informações científicas

Atualmente, na era da digitalização da informação, a comunicação da ciência está muito mais acessível e ao mesmo tempo disponível para ser acessada. Com a tecnologia aliada à comunicação de massa, as informações chegam de forma muito mais rápida aos receptores. Meadows (1999) destaca que as redes possibilitam a convergência de diferentes fontes de informação, tornando elas acessíveis tanto por usuários quanto por especialistas.

Através dessa globalização da informação e do imediatismo e dinamismo da mídia, a pesquisa científica divulgada nos meios de comunicação de massa é de grande utilidade para os receptores, pois o veículo de massa traz a público uma pesquisa de *utilidade pública* [grifo do autor, Meadows, 1999], e, ao mesmo tempo, possibilita a busca de informações adicionais.

1-Priscila Mathias Rosa- Mestranda na Feevale em Processos e Manifestações Culturais- Bolsista Prosup/Capes

2- Profª Drª Paula Regina Puhl- Coord. Mestrado em Processos e Manifestações Culturais Feevale.



Este avanço tecnológico colabora não somente para a independência tecnológica das ferramentas utilizadas para a pesquisa científica, como também para a divulgação da ciência. Naturalmente, por não ser acostumado a acessar pesquisas e descobertas da ciência, o cidadão cria uma resistência, até algumas vezes inconsciente, quanto ao conhecimento científico.

Com o avanço tecnológico e a convergência de fontes de informação, o indivíduo está acessando dados e pesquisando sobre estudos e descobertas, que anteriormente jamais teria acesso. Isto vem, aos poucos, modificando a realidade trazida no parágrafo anterior. A tendência, então, é que os meios de comunicação passem a atuar juntos. A televisão, rádio, jornal, literatura e Internet divulgam, e ao mesmo tempo, trazem ao receptor uma maneira alternativa e complementar de adquirir mais informação sobre o conteúdo tratado. Isto se dá através da complementação dos meios de comunicação. Meadows (1999) destaca que veículos da mídia, como televisão e jornais, podem ser vistos na tela junto com as fontes de informação utilizadas pelos pesquisadores”. Dessa forma, as fontes de informação para os receptores são as mesmas pelas quais os pesquisadores e cientistas se interam do que os colegas do meio científico estão produzindo.

Através desta convergência, o receptor tem a possibilidade de explorar o seu tema de interesse e descobrir minúcias sobre o assunto trazido pela divulgação científica. Tal alternativa possibilitada pela comunicação através das redes, colabora também para a não asoberbação de informação por parte da mídia e também pelos receptores., Explica-se tal afirmação considerando que as ofertas de informação são muitas e nem sempre o receptor tem interesse de saber detalhes sobre o assunto. Com esta interação das mídias, a informação complementar existe e torna-se uma possibilidade para aquele receptor que deseja tê-la.

Com esta maior exploração da mídia por parte dos cientistas, e, conseqüentemente, maior procura por parte dos receptores, a comunicação científica tende a evoluir rapidamente. Os pesquisadores estão aliados à comunicação e usando-a cada vez mais para atender às necessidades da comunidade científica.

Logo no seu surgimento, a divulgação científica era feita através da mídia impressa, um meio de divulgação formal e que possibilitava ao divulgador explorar detalhes sobre a pesquisa, porém conseguir espaço para a divulgação era difícil. Com a mídia eletrônica passando, também, a colaborar significativamente para a divulgação da ciência, naturalmente houve uma repercussão maior sobre as descobertas, o que é um fator positivo. Devido às características do veículo televisão, rapidez e instantaneidade no momento da divulgação da ciência, fazem com que a qualidade da informação transmitida nos veículos seja de difícil avaliação.

Por outro lado, através da mídia eletrônica, as informações tornam-se mais democráticas. Meadows (1999) observa que essa democratização da informação tende a atenuar as diferenças entre os participantes, o que estimula a colaboração e o trabalho interdisciplinar. O ambiente nos meios eletrônicos é mais flexível do que o ambiente nos meios impressos, por isto, a antiga diferença entre formal e informal perde grande parte de sua força. Mas, isto tem aspectos negativos e positivos. Um aspecto negativo importante é que a qualidade da informação proporcionada torna-se de difícil avaliação. Essa atual homogeneização entre meio formal e informal da divulgação científica permite que os pesquisadores mais amadores tenham acesso e possam participar mais ativa e produtivamente das pesquisas científicas. A partir da década de 80 com a



popularização do meio de comunicação de massa mais abrangente do mundo: a televisão, e com a chegada da Internet, nos anos 90, a ciência passou a receber um espaço de divulgação nos meios de comunicação informais.

Com esse avanço da tecnologia e dos meios de comunicação eletrônicos, a comunicação e a ciência passaram a se aliar com mais força. A comunicação informal, de massa, passou a colaborar para a divulgação da ciência, com isso conseqüentemente, a ciência passou ser conhecida também pelas classes inferiores, realidade muito diferente de quando surgiu no Brasil.

O Papel da Comunicação na divulgação das informações científicas

Nos dias de hoje, assuntos como adequação da linguagem técnica para a linguagem jornalística visando a eficácia da mensagem; a ciência aliada ao homem na descoberta de modificações de fenômenos naturais; o meio adequado; e, a forma correta da colocação da pesquisa científica dentro de uma matéria jornalística, são questões consideradas e avaliadas pelos jornalistas no momento produzir uma reportagem jornalística.

Mesmo com a ciência recebendo pouco espaço nos meios de comunicação, o Jornalismo Científico possui, atualmente, o seu espaço, seja em programas especializados, com um público bem definido, ou em programas de saúde e/ou de curiosidades. Mesmo restrito, o espaço existe e facilita a atividade dos pesquisadores, em uma comparação com a época do surgimento deste segmento jornalístico. Desde o advento da imprensa, lembrando Gutemberg, onde a divulgação da ciência teve o seu início propriamente dito, e com a globalização da informação, que aconteceu significativamente a partir do advento da Internet, a divulgação da ciência tem passado por reformulações constantes.

A comunicação ao tratar a divulgação científica, parece se preocupar em atingir o maior número de pessoas possíveis com a informação transmitida aos receptores. A característica principal desta linguagem, meio pelo qual a comunicação divulga a ciência, precisa ser a imparcialidade, para que, segundo Kreinz (1999) não haja comprometimento ideológico.

A linguagem de uma comunicação científica é uma linguagem pública, procurando atingir o maior número de pessoas possível. A principal característica desta linguagem deveria ser a imparcialidade, o não comprometimento ideológico, a transição/ representação do real, capaz de conter o sentido único e universal dos fenômenos divulgados. (KREINZ, 1999, p. 13)

A linguagem usada pelo emissor no momento do envio da mensagem ao seu receptor, será decisiva para o entendimento ou não. Ao divulgar ou enunciar a Ciência, o emissor necessita “colocar” nesta mensagem elementos de sedução que mantenham um vínculo entre o consumidor e a obra consumida. Para Kreinz (1999), o discurso destina-se ao público que consome a cultura de massa. De acordo com Hohlfeld (2002) a cultura de massa pode ser definida como a cultura que se cria nas grandes cidades e



metrópoles. Uma cultura formadora de uma sociedade que se caracteriza pela urbanização e industrialização.

O jornalista como divulgador da ciência

Pela falta de espaço que se recebe nos veículos não segmentados, as descobertas científicas quando divulgadas, muitas vezes, acabam sendo comprometidas pelas informações repassadas pelas fontes aos jornalistas. O jornalista dos veículos massivos, pela falta de prática na divulgação da ciência, e pela falta de conhecimento, muitas vezes não consegue cumprir o papel de simplificar as informações e as transmitir de forma coloquial aos receptores. Diante disso, o receptor acaba recebendo informações complexas, com conteúdos rebuscados, e a ciência mais uma vez deixa de cumprir o seu papel.

Nos veículos segmentados que se destinam a divulgar a ciência, os jornalistas responsáveis pelas matérias são profissionais qualificados e preparados para tratar de assuntos ligados à área científica, o que não acontece nos meios de comunicação de massa abertos. De acordo com Teixeira (2002) o jornalista deve ter um aperfeiçoamento para reproduzir completamente aquilo que o cientista julga apropriável para ser absorvido pelo público leigo.

Os jornalistas dos grandes veículos não são profissionais treinados e conhecedores da ciência, e mesmo assim divulgam a ciência. Diante disto, estes profissionais acabam não recebendo respaldo dos pesquisadores. Já o profissional da Comunicação, que entende de Jornalismo Científico, acaba recebendo respaldo não só por receptores que se interessam pelo assunto, como também pelos cientistas, o que o torna um profissional que estabelece contato com as fontes.

Por outro lado, há certa resistência por parte do cientista em repassar para o jornalista informações sobre projetos ou descobertas que ele está realizando. Com isto, as informações que chegam ao jornalista são repicadas, o que geram muitas vezes notícias que não são o que o cientista gostaria que fosse noticiado.

Algumas das informações divulgadas pela imprensa sobre o meio científico, geram em alguns cientistas uma certa resistência e reprovação por simples caprichos particulares. O jornalista está retratando, através da matéria, uma verdade que pode não agradar a um determinado cientista, e por outro lado estar de acordo com o pensamento de outro. O que foi redigido em forma de notícia pela mídia impressa ou eletrônica, é uma *verdade* [grifo nosso] repassada ao jornalista pela fonte, dessa forma não existe uma verdade única sobre os fatos. Teixeira (2002) destaca que o jornalista deve construir uma verdade a partir das versões da verdade das fontes.

Ao jornalista que trabalha para divulgar a ciência, através do Jornalismo Científico, não cabe a função de divulgar uma descoberta errada, ou inválida. A informação divulgada por ele está baseada em uma fonte, o cientista, e nesse caso não existe contraditório sobre a cobertura da ciência. Teixeira (2002, p. 134) destaca que “dispensamos o Jornalismo sobre ciência de cumprir o mandamento que interdita a matéria feita a partir de uma única fonte porque entendemos que não há versões sobre a verdade quando se trata de ciência”.



Para a ciência não existe contraditório, a não ser aquele que ela própria irá descobrir através do aperfeiçoamento de seu método. Nesse processo de transmissão da informação, o jornalista é o profissional que irá repassar para o público a versão de um fato atual, apresentado pela ciência, pela utilização de um método, que pode ser ultrapassado por outro a qualquer momento.

O papel do jornalista junto à divulgação da ciência é traduzir as informações que ele coletou com a sua fonte, o cientista. Esta informação que ele transformará em reportagem contém a verdade que a fonte revelou a ele. O jornalista enquanto profissional da imprensa, não duvida da sua fonte, apenas traduz a informação dita, aos leigos receptores. Quando mal entendida pelo jornalista, ou mal explicada pelo cientista, pode comprometer a notícia.

Os profissionais que estão trabalhando com a ciência que segundo Teixeira (2002) é a mais bem – acabada, bem sucedida e promissora obra da razão humana, honram essa condição, e fazem o possível para que ela chegue ao chamado público leigo da forma mais traduzida possível. Segundo o autor cabe ao jornalista o papel de divulgador dessa verdade.

O jornalista, naturalmente, sente-se como um agente social que tem em suas mãos a mais preciosa arma contra a ignorância, a informação. Através do conhecimento, os profissionais da imprensa sente-se indivíduos responsáveis de influenciar uma sociedade e criar nela uma conscientização científica através do conhecimento. A transmissão desse conhecimento é possível através de informação transmitida de forma ética, responsável e consciente.

Acreditando ser um agente capaz de conscientizar toda uma sociedade, o jornalista preza por questões éticas e preserva suas fontes. As transformações que acontecem através do conhecimento, se dão em longo prazo, e para isso é necessário que exista confiança e ética entre fonte, e profissional da imprensa. O jornalista acredita que a informação é a essência da mudança, como afirma Teixeira (2002), e baseado nesta confiança é que o jornalista segue exercendo a sua função: informar aos receptores, acreditando no avanço da ciência.

O programa Vida & Saúde

O programa Vida & Saúde, caso analisado para este trabalho sobre a divulgação das informações científicas, é apresentado semanalmente na *RBSTV*¹, aos sábados, às 8 horas. O programa exhibe aos telespectadores, matérias ligadas a comportamento, beleza, medicina alternativa e atividade física. O propósito é mostrar em TV aberta, reportagens que despertem o interesse dos telespectadores, especialmente mulheres, para a qualidade de vida.

A partir do lema do programa, “Viver mais e melhor”, as matérias trazem aos telespectadores de todas as classes, novidades da ciência e da tecnologia nas diferentes áreas que o programa aborda. Além de informar os telespectadores através de exemplos e situações cotidianas, as reportagens mais técnicas, contam com acompanhamento e participação de cientistas e estudiosos da área, que são procurados pela produção do programa para garantir ao telespectador a veracidade dos fatos e o respaldo científico.

1- RBSTV: emissora da televisão brasileira com sede em Porto Alegre, RS. Pertence ao Grupo RBS e retransmite a programação da Rede Globo além de gerar programas locais.



Neste estudo analisaremos qual a linguagem que o jornalista, entrevistador do cientista, utiliza e também qual o papel que ele desempenha para tornar essa informação acessível a quem for assistir.

Para exemplificar de que forma pautas sobre pesquisas científicas fazem parte do programa Vida & Saúde, exemplificaremos com duas matérias exibidas no programa de 31.3.12 e acessadas no site¹ do programa.

A primeira delas tem 4'44" e trata dos sintomas das alterações hormonais masculinas e explica qual a diferença da disfunção hormonal masculina e da pausa na produção de hormônio nas mulheres. Na reportagem o entrevistado é um médico Urologista-Especialista em Andrologia. Ele destaca o quanto diminui a produção do hormônio masculino depois dos 40 anos e enfatiza a importância do homem procurar um médico especialista a partir dessa idade.

A segunda matéria analisada tem 3'10" em traça uma relação entre a baixa hormonal masculina e a falta de desejo sexual do homem a partir dos 40 anos. Nela, mais uma vez o entrevistado é o médico Carlos Teodosio Da Ros- Urologista e Especialista em Andrologia. Ele relaciona a baixa produção de hormônio com a falta de desejo e também com a impotência sexual. O entrevistado destaca ainda os tratamentos que podem ser utilizados em cada fase do problema.

Para analisar essas duas reportagens citadas iremos utilizar estratos das falas dos vídeos do programa. Um ponto que fica claro em ambas reportagens é a preocupação da apresentadora em tornar o assunto técnico acessível para o telespectador. Ao receber uma informação científica, e assim ter acesso ao Jornalismo Científico, o receptor deve conseguir fazer uma relação entre a ciência e a prática. A descoberta que ele acaba de ler, ouvir ou ver carece ter uma linguagem simples para que a informação logo que recebida possa ser aplicada em sua vida. Oliveira (2005), destaca que “o uso e abuso da metalinguagem é um excelente recurso para aproximar o público leigo das informações científicas. Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil e a comunicação científica torna-se eficaz”.

A apresentadora inicia a matéria 1 perguntando sobre "andropausa". O especialista responde dizendo que na verdade a “andropausa” não existe e salienta por que na menopausa as mulheres têm uma pausa na produção de hormônios, já os homens não, eles tem um envelhecimento das glândulas produtoras desses hormônios e por consequência uma diminuição da produção hormonal. Destaca o nome correto e dito no Brasil: Deficiência Androgênica do envelhecimento masculino ou internacionalmente chamado hipogonadismo = diminuição da produção da testosterona. Percebe-se que enquanto a apresentadora pergunta de forma simples o entrevistado, cientista, faz questão de explicar de forma técnica o assunto, estabelecendo fazendo em alguns momentos uma a relação com os termos mais comuns, usados pelas pessoas em geral. Enquanto o especialista destaca o nome técnico da diminuição hormonal, uma tela surge, grifando o termo técnico, recurso que facilita o entendimento do telespectador. Ambos, apresentadora e entrevistado, destacam a questão do preconceito masculino em procurar um médico especialista, o cientista salienta a importância da prevenção.

A apresentadora questiona: “e a reposição hormonal”? O médico defende a reposição destacando um estudo equivocado, feito por um pesquisador americano na década de 40 que defendia que a reposição hormonal não fazia bem. Mais tarde, 70 anos depois, foi comprovado por novas descobertas que esse primeiro estudo estava equivocada, e novos testes mostravam que homens que faziam a reposição hormonal tinham menos risco de



contrair câncer, o que justifica a opinião favorável do médico entrevistado à reposição hormonal e a ausência de ligação da testosterona com o câncer de próstata. Neste momento fica claro a preocupação do especialista em justificar a sua resposta favorável a reposição hormonal com dados extraídos de um estudo científico. Neste ponto, o papel da apresentadora e do entrevistado são fundamentais para proporcionar o entendimento do telespectador. A apresentadora pergunta de forma simples, o entrevistado responde claramente o questionamento e apenas justifica sua resposta com um dado científico. No momento da divulgação da ciência através do discurso, existe uma diferença de linguagem e de interesse no discurso científico e no jornalístico. O discurso científico é elaborado com uma linguagem técnica, específica das áreas, com a qual a informação fica completa. No discurso jornalístico, a linguagem, pela adequação ao meio, é mais coloquial e simples, e as informações transmitidas são as que foram julgadas necessárias e indispensáveis pelo emissor. A informação transmitida no discurso jornalístico é para um grande público, e destinada para um público específico.

Na segunda reportagem o assunto é a relação da baixa hormonal masculina e a falta de desejo. Logo no início da reportagem a apresentadora questiona o médico sobre a relação do envelhecimento masculino e a falta de desejo sexual, o especialista responde que a prevalência de disfunção herétil, ou impotência como é mais usado, é de mais de 50% em homens depois dos 40 anos e relaciona a falta de libido com a falta de testosterona, usa um nome científico e logo explica: hipogonadismo= baixa de testosterona. Percebe-se aqui, mais uma vez a preocupação do cientista em explicar de forma simples o assunto abordado.

Assim, a divulgação científica é transmitida de forma adequada quando o emissor consegue passar para o receptor todas as informações técnicas e específicas de uma pesquisa ou descoberta científica, com a leveza e sedução da linguagem jornalística, fazendo uma relação entre tradução prática e cotidiana das descobertas científicas e a vida dos receptores, configurando-se em um casamento ideal.

O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo fiel tradutor, isso é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento de realidade. (OLIVEIRA, 2005, p. 43)

Quando questionado pela apresentadora sobre os tratamentos indicados para homens com baixa produção hormonal ele indica quatro técnicas diferentes e destaca: “todas essas fases são indicadas pelo consenso internacional de sexualidade, formado por um grupo de “expert’s” no assunto que buscam alternativas de tratamentos para esses pacientes que sejam éticas, honestas e científicas para tratar a disfunção erétil”.

Considerações finais

A partir da análise das reportagens do programa Vida & Saúde notou-se que a jornalista em muitos momentos foi simplista ao questionar o pesquisador. Mesmo sendo ela a interlocutora entre o entrevistado e o público telespectador, em alguns pontos ela usou termos inadequados, corrigidos pelo entrevistado, e fez questionamentos que qualquer pessoa leiga no assunto faria, sem realizar perguntas curiosas ou diferenciadas.



Os jornalistas são personagens fundamentais para que a comunicação entre comunidade científica e indivíduo aconteçam. Através de matérias jornalísticas com pautas, bem elaboradas pelos pauteiros, e com o apoio dado pelos cientistas, a comunicação assumi o papel de, ao lado da ciência, divulgar o que está sendo descoberto e produzido em termos de comunicação científica e tecnológica.

Neste momento cabe citar Oliveira (2005) ao afirmar que o cientista é o profissional que produz seus trabalhos dirigidos para a comunidade científica, um público específico. O jornalista, por sua vez, produz reportagens para o grande público que recebe a informação. A interrelação entre Jornalismo e ciência acontece quando as descobertas científicas encontram no Jornalismo e na Comunicação um meio de ser transmitida para o grande público, de formas informativa e direta, com uma linguagem adequada.

Ao tratar de linguagem científica adaptada ao meio jornalístico, cabe citar Kreinz (2002) ao destacar que a linguagem que chega até os receptores através dos comunicadores é uma linguagem pública que procura atingir um grande número de pessoas. Assim salienta-se que o pesquisador é o responsável por deixar a ciência acessível aos jornalistas, para que essa transmissão possa ser realizada.

Mesmo sendo o tradutor da informação entre cientista e receptor, no caso analisado neste artigo, o apresentador do programa Vida & Saúde em alguns momentos da entrevista foi simplista demais e chegou a ser corrigido pelo cientista, o que tratando-se de uma entrevista jornalística, o apresentador pecou por não ter preparado a pauta adequadamente e por não ter se preparado tão bem para realizar a entrevista, o que pode prejudicar a informação que chega ao receptor.

Referências bibliográficas

- HOHLFELDT, Antônio e outros (org). **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- KREINZ, Glória. **Divulgação, Linguagem e Ideologia**. In: KREINZ, Gloria; PAVAN, Crodowaldo (org.). **Idealistas Isolados**. São Paulo: ECA/USP, 1999.
- MEADOWS, A. J. **A Comunicação científica**. Brique de Lemos - 1999.
- OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico**. Editora Contexto. 2005.
- TEIXEIRA, Mônica. **Pressupostos do Jornalismo de Ciência no Brasil**. In: MASSARANI, Luisa e outros (org). **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.